

BARRETO, T. A. Fórum de discussão: professores em diálogo. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

FÓRUM DE DISCUSSÃO: PROFESSORES EM DIÁLOGO

Talita de Assis BARRETO (Universidade do Estado do Rio de Janeiro/
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)

ABSTRACT: This project is based on the dialogic approach to language (Bakhtin, 1992) and in ergologic approach (Schwartz, 1997). I present a methodological device used in researches about the presentation of projects in academic events as a teacher activity. A forum of discussion was done - a dialectual research procedure - aiming at the construction of meaning by subjects.

KEYWORDS: language and work; dialogism; ergologic approach

0. Introdução

Este artigo tem como escopo apresentar, a partir de uma concepção de trabalho que pressupõe a existência de mundos de trabalho que compreendem os professores dentro e fora da sala de aula (Amigues, 2004; Schwartz, 2002a), o dispositivo metodológico empregado em minha investigação a respeito da participação do professor de ensino básico como apresentador de trabalhos em eventos acadêmicos dentro do quadro de atividades docentes¹. Essa mesma concepção tem como pressuposto a formação para o ensino com base em determinados ingredientes descritos por Schwartz como ingredientes da competência (1998). Em consonância a essa postura, as formas de construção de conhecimento acerca do trabalho resultam essencialmente de meios de produção de falas sobre o trabalho, permitindo a ampliação da capacidade de agir dos sujeitos em seus distintos contextos de atuação (Faïta, 1989; Clot et al, 2001).

Apresento, a seguir, quatro partes: a primeira descreve a construção da investigação; a segunda expõe um sucinto panorama teórico; a terceira apresenta o dispositivo metodológico empregado na pesquisa e, por último, teço algumas considerações finais.

1. A pesquisa e seu contexto

O trabalho do professor não se limita ao âmbito da sala de aula, não obstante seja o primeiro aspecto – e, lamentavelmente, muitas vezes o único – a ser recordado quando se faz alusão às atividades desempenhadas por esse profissional. Dificilmente, a participação em eventos acadêmicos, seja como ouvinte ou apresentador, é ressaltada, ou pelo menos lembrada. A pesquisa pretendeu dar visibilidade a essa atividade, questionando se, ao compartilhar com seus pares seus anseios e suas conquistas, reforça-se o lugar estabelecido para e pelo professor.

Tais motivos levaram-me à reflexão de que uma pesquisa sobre o lugar da participação de professores do ensino médio em eventos acadêmicos possibilitaria lançar um outro olhar sobre o campo de atuação possível para esse professor, além de estimulá-lo a integrar-se às discussões provocadas em tais momentos. Parti da decisão de que aproveitar o evento Primeiro Grupo de Trabalho: Experiências Bem-sucedidas, promovido pela Associação de Professores de Espanhol do Estado do Rio de Janeiro (APEERJ)², seria uma maneira de pôr em destaque esse aspecto que acredito estar sendo desconsiderado por muitos colegas de profissão.

É fundamental precisar que, mesmo antes de formular uma questão de pesquisa, tinha como pressuposto de base o fato de que um coletivo de professores teria que participar desse processo de análise de sua atividade profissional. Nesse sentido, o principal desafio encarado neste estudo foi o de envolver diferentes professores em torno de um mesmo objeto de reflexão e, a partir da comunidade dialógica de pesquisa formada, criar um dispositivo metodológico capaz de fazer surgir falas *sobre* o trabalho em um novo gênero³.

2. Fundamentação teórica

O empenho por conhecer “os mundos” do trabalho do professor remete o investigador da área da lingüística ou de outra qualquer ao campo das Ciências do Trabalho e dos conceitos que fundamentam suas teorias antes mesmo de recorrer à sua disciplina de origem. Nesse percurso, as leituras iniciais desvelam uma perplexidade: “A questão resume-se a: quem pode definir o que é uma situação de trabalho? Ou, melhor ainda, um “meio” de trabalho?” (Schwartz, 1998, p. 4).

Se parece difícil, inicialmente, determinar o que é situação de trabalho ou meio de trabalho, tendo em vista que os objetivos propostos neste estudo visam a refletir se determinada situação pode ser considerada como fazendo parte do trabalho docente, que atitude o pesquisador deve adotar? Mais difícil ainda se torna responder a essa indagação uma vez que, conforme continua Schwartz, é possível encontrar no domínio do trabalho “áreas de interesse, imersões diferentes na realidade industriosa e histórico-social que suscitam e requerem por parte dos protagonistas “usos de si” em parte comuns, em parte diferentes” (Schwartz, 1998, p. 4). O que o autor almeja dizer com **usos de si**? O conceito tem sua procedência no fato de que o trabalhador não é quem simplesmente executa as tarefas impostas por seu empregador, conforme entende o modelo de organização taylorista-fordista do trabalho.

A imagem de que o trabalhador faz uso de si quando trabalha, não sendo, desse modo, aquele que apenas “realiza” as tarefas impostas por seu empregador, foi construída ao longo do tempo, principalmente a partir da Ergonomia da Atividade e da Ergologia. A atenção humana para sua relação com o trabalho é antiga e vem se desenvolvendo a partir de distintas perspectivas que pretendem entender o que é a atividade de trabalho.

A tarefa é o prescrito, o que serve como norma do que se quer que seja feito; a atividade, “o trabalho real dos homens”, a realização da tarefa. De acordo com Schwartz (2002b), em toda atividade de trabalho, até mesmo naquela em que os procedimentos são muito rigorosos e repetitivos, ocorre essa distância entre o prescrito – o que se espera que o indivíduo faça – e o real – o que, de fato, é realizado.

A ergonomia, por meio da análise do trabalho real, apresenta o conceito de trabalho prescrito colocando em evidência a distância que há entre o que se orienta que seja realizado e o que, de fato, se concretiza no trabalho. Acreditar que o indivíduo se restrinja aos padrões de procedimentos é “contribuir à tentativa de bloquear a história, de bloquear as ‘reservas de alternativa’ imanescentes a toda situação humana de atividade.” (Schwartz, 2002a). Todo sujeito possui competências que lhe permitem definir os modos de fazer que não estão relacionados necessariamente ao prescrito. O objetivo da abordagem ergonômica é analisar o trabalho, procurando descrevê-lo e realizando observações acerca dos prováveis desfuncionamentos, sugerindo uma mudança de situação.

Os estudos acerca do trabalho receberam aportes preciosos dos conceitos de **trabalho prescrito** e **trabalho real**, oferecendo a oportunidade de um novo olhar sobre a atividade humana de trabalho. Considerando, a partir desses conceitos, que é impossível imaginar a atividade como um mero ato de cumprimento do prescrito, Schwartz (2002b) propõe uma ampliação dessa compreensão para um espaço de debate de **normas antecedentes** e **renormalizações**, concebendo a Ergologia.

A partir dos conceitos da Ergonomia situada, Schwartz (1997) pensa uma abordagem ergológica direcionada para a produção de saberes sobre o trabalho. A idéia de trabalho prescrito e real é, portanto, expandida para os conceitos de **normas antecedentes** e **renormalizações**. Essas **normas** abrangem os “saberes científicos e técnicos que se constituem em instalações, procedimentos, normas de utilização e também codificações organizacionais, ligadas às formas sociais do trabalho, às redes de poder e autoridade” (Alvarez; Telles, 2001, p.18).

A ergologia é considerada uma “disciplina de pensamento” que, embora tenha como finalidade a construção de “conceitos rigorosos, deve indicar nestes conceitos como e onde se situa o espaço das (re)singularizações parciais, inerentes às atividades de trabalho” (Schwartz, 2000, p.45). A atividade está intimamente relacionada a quem a realiza; assim sendo, é inevitável que aconteçam tais (re)singularizações por parte de cada trabalhador. É realizado o esperado, porém de forma particular à ocasião vivenciada pelo indivíduo.

De modo geral, dificilmente se toma conhecimento do que um trabalhador realiza ou deve realizar diante de algo inesperado, pois as **normas antecedentes** ou **registro 1 (R1)** não especificam o que fazer em tais situações. Amigues (2004) assegura que, nessas emergências do cotidiano laboral, o trabalhador pode experimentar novos modos de fazer, fazendo além do que estava previsto porque, em algumas ocasiões, ele precisa ir contra as normas para conseguir encontrar a solução do problema enfrentado naquele momento. Nunca se faz uma atividade de maneira idêntica. A repetição existe, mas mesmo na repetição há variação. As **normas antecedentes** são renormalizadas freqüentemente na atividade de trabalho.

A **renormalização** ou **registro 2 (R2)** ocorre, assim, quando o profissional desempenha individualmente sua atividade, fazendo uso de si ao usar sua própria experiência.

BARRETO, T. A. Fórum de discussão: professores em diálogo. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

O saber que cada sujeito possui sobre o fazer de sua atividade consente que ele faça esse **uso de si**, de maneira a singularizar a atividade, fazendo os ajustes necessários para sua efetivação na atividade de trabalho. Para o autor, o enfoque ergológico implica mudança no modo de encarar o trabalho como objeto de pesquisa, reconhecendo-o não somente “enquanto atividade, mas como atividade pertencente à história, o que pressupõe a aceitação de que toda mudança para ser eficaz implica uma reinvenção local a partir de um patrimônio antecedente” (Souza-e-Silva, 2002, p.64)

Feitas essas considerações sobre o trabalho de modo geral, no subitem a seguir, apresento o dispositivo metodológico construído para a investigação.

3. Dispositivo metodológico: o fórum de discussão

Na elaboração deste estudo, a construção de um espaço dialógico (França, 2002) com os trabalhadores foi fundamental para que se focalizassem outras situações da atividade docente que não a sala de aula. Isso significa que a opção por realizar uma investigação voltada para as reflexões que traz o professor de ensino básico a respeito desse tipo de atividade – se de fato se vê ou não em atividade de trabalho ao apresentar-se em eventos - nasceu do diálogo.

É importante destacar a historicidade constitutiva da formação da comunidade de pesquisa, a fim de que se possa entender que as falas sobre o trabalho originadas no fórum de discussão representam elos na cadeia dialógica própria a qualquer discurso, mas, além disso, estão situadas no espaço dialógico intencionalmente recortado por esta investigação.

O posicionamento teórico de que todo discurso está imbuído de outros discursos que o perpassam sustenta, portanto, a opção metodológica seguida nesta pesquisa.

O fórum de discussão teve como constituintes as seguintes etapas: filmagem do evento intitulado *Primeiro Grupo de Trabalho: Experiências bem-sucedidas*; realização da autoconfrontação de um grupo de professoras com o conjunto filmado; realização do fórum de discussão.

3.1 A observação e filmagem do evento

O *Primeiro Grupo de Trabalho: Experiências bem-sucedidas* foi realizado em novembro de 2002, na Universidade do Estado do Rio de

BARRETO, T. A. Fórum de discussão: professores em diálogo. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

Janeiro. As apresentações do grupo dedicado ao ensino básico foram filmadas bem como o debate instaurado após a apresentação. A filmagem captou a exposição detalhadamente, visando a uma melhor observação das etapas de apresentação de cada professor. A finalidade era não só poder realizar a transcrição das falas dos professores, mas também analisar suas reações e o modo de conduzir a atividade.

3.2 Autoconfrontação de um grupo de docentes com o material filmado

Embora apresentado como autoconfrontação, o que aconteceu nesta fase foi um deslocamento do método que efetivamente realizam Clot e Faïta (2001).

Em síntese, o método é desenvolvido nas seguintes fases: a) observação e filmagem de diversas situações de trabalho relativas à problemática que se deseja abordar das quais participam mais de um protagonista do trabalho; b) escolha das seqüências a serem privilegiadas e montagem do filme que será inicialmente visto por um dos protagonistas; c) autoconfrontação simples: momento cujo objetivo é fazer de uma atividade passada de um indivíduo o objeto de sua atividade presente. O pesquisador organiza o diálogo entre tais atividades. Cada indivíduo assiste ao filme no qual aparece “atuando” como protagonista da atividade em companhia exclusiva do pesquisador que, além de organizar o evento, o filma. Então se tem o filme da atividade do trabalhador se vendo e dialogando com “o que vê” no filme em que aparece como protagonista; d) autoconfrontação cruzada: dois ou mais trabalhadores observam a atividade de trabalho realizada por um deles na presença do pesquisador e tecem um diálogo a partir da imagem que vêem.

No caso deste estudo, as professoras viram a filmagem em seu próprio lar, sem intervenção da pesquisadora, procedimento a que designei de “autoconfrontação privada”. Neste momento da investigação, as docentes estavam livres para o primeiro contato com a filmagem, podendo rever a fita se assim o quisessem. A intenção era de que elas pudessem resgatar na memória a circunstância vivida, as falas produzidas, o uso de si para a execução da tarefa. Isso possibilitou um primeiro momento de reflexão a respeito da apresentação de trabalhos em eventos acadêmicos estabelecendo uma relação quanto à questão de ser ou não uma atividade de trabalho do professor.

3.3 Fórum de Discussão

O objetivo do fórum de discussão era propiciar ao coletivo de pesquisa um ambiente propício a uma abordagem dialógica sobre sua atividade. Considerando esse caráter dialógico (Bakhtin, 1988) como inerente a toda e qualquer idéia de linguagem, o Fórum de Discussão nos pareceu adequado como dispositivo metodológico para este estudo por permitir a construção do sentido pelos sujeitos. Ao colocar seu ponto de vista, o sujeito leva em consideração o que seu co-enunciador está apreendendo do que está sendo dito e, considerando o que o outro está expondo, ele reformula o que diz, já antecipando as prováveis reações de seu co-enunciador.

A hipótese foi a de que, no Fórum - espaço para construção do sentido sobre a atividade do professor -, as professoras estariam colocando em jogo suas experiências anteriores ao momento específico desse encontro e estariam considerando todas as possíveis colocações de seu co-enunciador, as quais são pressupostas pelo sujeito, não sendo necessariamente ratificadas no momento da enunciação. O simples fato de supor como o outro está recebendo aquilo que está sendo dito faz com que o sujeito reformule seu enunciado, dialogando com o seu co-enunciador, que apresenta um papel importante na enunciação: “Os outros, para os quais meu pensamento se torna, pela primeira vez, um pensamento real (e, com isso, real para mim), não são ouvintes passivos, mas participantes ativos da comunicação verbal.” (Bakhtin, 1992, p.320).

Ao iniciar o Fórum, seguindo um roteiro previamente estabelecido, ressaltei a importância da participação das professoras nesse processo de co-construção de sentido a respeito da atividade de trabalho do professor em que o movimento dialógico seria elemento essencial.

Partindo da leitura de um texto sobre a APEERJ, introduzi algumas perguntas provocadoras para a discussão. Depois de algumas reflexões, solicitei-lhes que escolhessem o fragmento da fita de vídeo a ser visto. Informei que passaria a fita e elas deveriam escolher o trecho que lhes interessasse. Adiantei a fita, fiz várias pausas para que selecionassem um fragmento a ser visto. Assistimos, sem interrupção, 10 minutos de fita. Destaco que o evento filmado ocorreu em 2002, havendo, deste modo, quase dois anos de diferença entre o momento da apresentação e o do Fórum de Discussão, realizado em outubro de 2004. Rever a filmagem no fórum, junto

BARRETO, T. A. Fórum de discussão: professores em diálogo. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

com uma colega e a pesquisadora, significava recuperar aquele momento, passando por uma situação de confrontação com a atividade realizada em 2002. O fórum foi gravado em cassete para posterior transcrição das falas a serem analisadas.

4. Considerações finais

Esta pesquisa teve como objetivo central discutir se o professor de ensino básico se percebe em situação de trabalho quando apresenta trabalhos em eventos acadêmicos, tendo como meta a realização de um trabalho de co-construção de conhecimento envolvendo professores de língua espanhola de ensino básico. Recorri aos estudos ergológicos de trabalho e encaminhei a pesquisa no sentido de construir um dispositivo metodológico que fizesse emergir falas sobre o trabalho, tendo como base inicial uma autoconfrontação do trabalhador com sua atividade de trabalho (Clot et al, 2001) e, como base para a análise das falas produzidas pelo coletivo da pesquisa, os princípios dialógicos de linguagem do círculo de Bakhtin (1992).

A participação como apresentador de trabalhos em eventos acadêmicos está situada no plano geral das normas antecedentes. Ao realizar essa atividade, ocorre uma realimentação desse R1. A análise da movimentação discursiva mostrou um conflito no que se refere ao “uso de si”, pois o professor está indo buscar isso, mas falta apoio por parte da instituição em que trabalha. Os resultados desta pesquisa apontam para a necessidade de um espaço garantido a esse profissional que necessita colocar sua voz, sua experiência para seus pares. Convém que as associações organizadoras de eventos, bem como qualquer outro agente organizador, promovam essa democratização do espaço de fala, em que qualquer professor, independente de sua formação, possa estar engajando-se nessa prática de reflexão sobre sua atividade de trabalho e compartilhando seu saber, podendo assim co-construir com seus colegas novos sentidos para sua prática.

NOTAS

¹ Para uma leitura mais abrangente sobre o assunto, remeto a Barreto (2005), dissertação de mestrado orientada pela Profa. Dra. Del Carmen Daher e co-orientada pela Profa. Dra. Maristela França, no Programa de Pós-graduação em Letras, área de concentração em Linguística, UERJ.

BARRETO, T. A. Fórum de discussão: professores em diálogo. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

² O “Primeiro Grupo de Trabalho: Experiências Bem-sucedidas”, ocorrido em novembro de 2002, tinha como proposta garantir um espaço no qual os professores pudessem compartilhar com os demais colegas alguma experiência desenvolvida em sala de aula.

³ Neste artigo, não apresento a análise das trocas verbais ocorridas no fórum. Tal análise se encontra em Barreto (2005).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVAREZ, D.; TELLES, A.L. Relações ergonomia-ergologia: uma discussão sobre prescrições e normas antecedentes. In: Encontro Franco-Brasileiro de Análise Pluridisciplinar do Trabalho, I, 2001, Niterói. *Contribuições da RAPT sobre a abordagem ergológica* – resumos. Niterói: NEICT - Núcleo de Estudos em Inovação, Conhecimento e Trabalho / UFF, 2001. 42p.
- AMIGUES, R. Trabalho do professor e trabalho de ensino. IN: MACHADO, A. R. (org.) *O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva*. Londrina: EDUEL, 2004. p. 35-53.
- BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Unesp-Hucitec, 1988.
- _____. *A estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BARRETO, T. A. Apresentação de trabalhos em eventos acadêmicos: uma atividade de trabalho do professor do ensino básico?, 114 f. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- CLOT, Y. et al. Entretien en autoconfrontation croisée: une méthode en clinique de l'activité. *Education Permanente*. Dossier: Clinique de l'activité et pouvoir d'agir. Genève, n. 146, 1, 2001, p.17-25.
- FAÏTA, D. Mondes du travail et pratiques langagières. Parole(s) ouvrière(s). Langage n° 93. Paris: Larousse, 1989.
- FRANÇA, M.B. *Uma comunidade dialógica de pesquisa - Atividade e movimentação discursiva nas situações de trabalho de recepcionistas de guichê hospitalar*. 2002. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem) – PUC-SP, São Paulo.
- SCHWARTZ, Y. *Reconnaissances du travail – Pour un approche ergologique*. Paris: PUF, 1997.

BARRETO, T. A. Fórum de discussão: professores em diálogo. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

- _____. Os ingredientes da competência: Um exercício necessário para uma questão insolúvel. *Educação e Sociedade*, Campinas, vol. 19, n. 65, dez., 1998.
- _____. A comunidade científica ampliada e o regime de produção de saberes. *Trabalho & Educação*. Belo Horizonte, n.7, jul/dez, 2000, p.38-46.
- _____. Disciplina Epistêmica Disciplina Ergológica – Paideia e Politeia. *Pro-Posições*. Campinas, vol.13, n.1 (37), jan/abr, 2002a, p.126-149.
- _____. A abordagem do trabalho reconfigura nossa relação com os saberes acadêmicos: as antecipações do trabalho. In: SOUZA-E-SILVA, M.C.P.; FAÍTA, D (eds.). *Linguagem e Trabalho – construção de objetos de análise no Brasil e na França*. São Paulo: Cortez, 2002b.
- SOUZA-E-SILVA, M.C.P. A dimensão linguageira em situações de trabalho. In: _____; FAÍTA, D (eds.). *Linguagem e Trabalho – construção de objetos de análise no Brasil e na França*. São Paulo: Cortez, 2002.